

Eleição brasileira movimentada até o Paraguai

JOÃO NAVES DE OLIVEIRA

CUIABÁ — A movimentação política do Brasil reacendeu no Paraguai o clima de eleições presidenciais, vindo este ano com a escolha do General Andrés Pérez Rodríguez, sucessor do General Alfredo Stroessner. Adesivos nos carros e cartazes espalhados pelas praças e avenidas de cidades guaranis confirmam o entusiasmo na faixa de fronteira seca com o Mato Grosso do Sul, com quase 600 quilômetros de extensão. Nessa região, vivem cerca de um milhão de brasileiros, dos quais mais de cem mil em condições de votar. Perto de 50 mil deles são oficialmente bieleitores — possuem dois tí-

tulos, um para cada país. São os chamados “brasiguaio”, responsáveis por uma considerável parte da produção de café, soja e milho, principalmente no Paraguai. Essa população é naturalizada paraguaia e tem fazendas naquele país, beneficiadas por financiamentos agrícolas cujos juros não ultrapassam 24% ao ano. Mas, se forem considerados os clandestinos, o número de brasileiros que vivem no Paraguai chega a, no mínimo, 1,2 mil.

A clandestinidade ameaça a maioria dos que querem votar no dia 15 nas seções eleitorais de Sete Quedas, Paranhos, Aral Moreira, Coronel Sapucaia, Bela Vista, Antônio João, Mundo Novo, Ponta Porã e outros

municípios brasileiros da fronteira. Esses eleitores temem ser proibidos de reingressar no Paraguai, ao voltar da votação — como chegou a ocorrer com alguns grupos nas últimas eleições municipais.

Há ainda o problema da falta de condução e alimentação para os eleitores. Esse tipo de auxílio só será dado aos mesários, com a ajuda das Prefeituras. Por isso, cabos eleitorais como o comerciante Amílton Aguiar Corrêa, que vive há 17 anos em Canendyú, a quatro quilômetros de Sete Quedas (MS), estão organizando verdadeiras caravanas.

Amílton acredita que, com a redemocratização, as autoridades paraguaias não criarão obstáculos para

que os “brasiguaio” votem. Ele reuniu cinco vereadores e 20 pessoas dispostas a pagar todas as despesas relativas a transporte e alimentação de quem quiser votar em seu candidato, Fernando Collor.

A mesma disposição tem o cafeicultor de Encruzo Guarany, também em Canendyú, Arlindo Peres Pardo, de 38 anos, brizolista fervoroso:

— Não faltará condução para os eleitores de Brizola. Levo de graça para Sete Quedas.

O também comerciante Daniel Galbiatti vai fazer o mesmo para seu candidato, Guilherme Afif, assim como partidários de Ulysses Guimarães, Mário Covas e Paulo Maluf. No entanto, as autoridades paraguaias

não vêem com bons olhos eventuais ajudas a candidatos de esquerda. Ainda hoje, há placas fixadas em pontos estratégicos que são bem claras: “Democracia sin comunismo”.

O Prefeito e o Vice-Prefeito de Sete Quedas, Sérgio Roberto Mendes e Olavo Mariano Mendes — ambos “brasiguaio” com fazendas no Paraguai — também pretendem ajudar os 8.400 eleitores da cidade que vivem no outro país. Em Paranhos, divisa com a localidade paraguaia de Ypeju, o Primeiro Vice-Presidente da Junta do Governo, Tranquilino Veron, já se propôs a ajudar o Prefeito Dornevil Alves a assistir os eleitores de Paranhos — 6.500, sendo quatro mil deles no Paraguai.

— Aqui não existem fronteiras para a cooperação mútua. Se precisar, vou ser até cabo eleitoral para os brasileiros, desde que não seja para ajudar comunistas.

Capitan Bado, vizinha à cidade brasileira de Coronel Sapucaia, é a que tem o clima eleitoral mais festivo. Automóveis desfilam com adesivos e o próprio Paço da Prefeitura exhibe cartazes de candidatos. Há até uma rádio — a Nhu-Verá — que mantém um programa diário sobre as eleições. A colônia brasileira na cidade é grande: lá vivem cinco mil dos 7,5 mil eleitores que votam em Coronel Sapucaia. Caso parecido é o de Ponta Porã: metade de seus 40 mil eleitores são “brasiguaio” que moram em Pedro Juan Caballero.